

PAULO OTTONI:
TRADUÇÃO E
ACONTECIMENTO¹

Elida Ferreira
Professora da Universidade
Estadual de Santa Cruz
(Ilhéus-BA)
epferreira@uesc.br

Traduzir, então, é se libertar de sua língua materna, sair dela e a ela retornar. Esse movimento só ocorre porque os significados são produzidos e transformados. Desse modo, a relação entre duas línguas, a materna e a estrangeira, não deve ser encarada de maneira estável e independente da presença do tradutor ou do aprendiz de uma língua estrangeira. (OTTONI, 2005, p. 27-28)

O silêncio. Quedamo-nos em silêncio, muitas vezes, diante do inesperado, daquilo que acontece sem que estejamos esperando. Vem muito lentamente, sem que o saibamos, e chega num sobressalto. Eis o acontecimento da morte de um mestre e amigo. Os que ficam se perguntam, diante de tal acontecimento, como expressar uma resposta em palavras; parecem não bastar as palavras, tão inapropriadas que são, para dizer da amizade, das convicções partilhadas, do legado, da gratidão. Para dizer do que resta, do que resiste à ausência, do que sobrevive do corpo vivo numa assinatura, que permanece tão enigmática quanto legível, mas que já manifesta a vinda do outro e de seu idioma, num acontecimento de tradução por excelência.

Seguramente é também isso que Paulo Ottoni manifesta na sua travessia pelas desconstruções e que muito bem se anuncia e se denuncia em *Tradução manifesta: double bind & acontecimento* (OTTONI, 2005), que ora apresento.

Nesse livro, Paulo Ottoni recolhe uma amostragem de seus trabalhos já publicados, em outras oportunidades, e uma tradução de um texto de Derrida feita especialmente para essa publicação, prestando uma homenagem ao amigo e eminente filósofo, Jacques Derrida. Ottoni refletiu continuamente, nos últimos quinze anos pelo menos, sobre a relação entre tradução e desconstrução, trazendo para os estudos da linguagem, em geral, e da tradução, em particular, uma

¹ Dedico este ensaio à memória de Paulo Ottoni, que contribuiu para o acontecimento da tradução na universidade brasileira. A ele, ao mestre, a minha eterna gratidão.

relevante contribuição acerca do acontecimento da língua e de uma teorização sobre a significação. A tradução é por ele encarada como acontecimento fora do enquadramento em uma teoria, que supostamente responderia pelo funcionamento da tradução na prática. Esse acontecimento traz à tona o que, junto com Derrida, chama de *double bind* e que remete ao conflito entre o necessário e o impossível da apropriação das línguas envolvidas na tradução.

A relevância da coletânea para o ensino de tradução é notória; de um lado, porque traz uma importante crítica acerca do legado deixado pela ciência lingüística em termos de questionamentos sobre a significação, em geral, e sobre a tradução, em particular; de outro, porque, a partir da relação tradução–desconstrução, sua reflexão confronta a tradição lingüística, indicando os seus limites teórico-metodológicos para lidar com a intervenção do sujeito, sua interação na e com a língua, na constituição de sentidos. Onde mesmo a ciência lingüística deixou um hiato é que se insere a reflexão de Ottoni, revelando que a tradução, encarada e estudada como acontecimento, não como um fenômeno dado e plenamente identificável, permite entrever o que se passa na tradução em termos do corpo-a-corpo do sujeito com esse objeto de uma complexidade incomensurável, fazendo aparecer aquilo que se pode chamar de paradoxo ou de enigma da tradução.

A coletânea, ao trazer a tradução de Ottoni do texto de Derrida, “Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta”, chamará a atenção do leitor para uma reflexão sobre as

desconstruções, além de, por meio da própria tradução, possibilitar, como ele gostava de dizer, que Derrida falasse português. A sua tradução de um texto em que Derrida escreve sobre tradução e desconstrução não é sem relevância. Ele nos fala mais uma vez da complexidade da tarefa do tradutor, levando em consideração questões como hospitalidade, nacionalidade, idioma e identidade. A tradução teatraliza a busca do sujeito pela apropriação do idioma, do nome próprio, trazendo à tona a contra-assinatura do tradutor: Paulo Ottoni.

O teórico oferece aos estudos da tradução a possibilidade de, como afirma, fazer com que o aprendiz de tradução perceba o seu envolvimento com as línguas da tradução para, então, poder assumir a responsabilidade de lidar com o *double bind* e com os enigmas da tradução. Tal reflexão abre a perspectiva de discutir, no ensino, a questão da teoria e prática, por ele vistas como instâncias suplementares; e é mesmo isso que se encena na *Tradução manifesta*.

Só assim é que se pode pensar e praticar efetivamente um ensino de tradução que supere o paradigma dominante, ainda hoje fundado na idealização da fidelidade e da neutralidade do tradutor ao tocar as línguas envolvidas na tradução (p. 22). As questões da língua e da intervenção do sujeito (p. 26) são temas centrais de sua reflexão, a qual, podemos dizer com bastante segurança, promove uma ruptura epistemológica no seu diálogo com a tradição (p. 27), uma vez que se recusa a aceitar o ideal da tradutibilidade plena, evidenciando que a significação envolve necessariamente transforma-

ção e produção de sentidos. Como ele mesmo afirma, “traduzir, então, é se libertar de sua língua materna, sair dela e a ela retornar. Esse movimento só ocorre porque os significados são produzidos e transformados” (p. 27-28).

A partir dessa ruptura epistemológica, poderíamos mesmo dizer que Ottoni contribui para a instauração, nos estudos da linguagem, de uma dimensão desconstrutivista; isto é, trata-se de um novo paradigma para refletirmos sobre a linguagem, sobre a tradução e o ensino de línguas.

Ao estudar a relação entre sujeito e objeto a partir dessa dimensão desconstrutivista da linguagem, Ottoni contribui ainda para, levando em consideração o referido corte epistemológico, estudar a leitura considerando-a como um conflito entre o legível e o ilegível, rompendo mais uma vez com a noção de língua desvinculada de um falante e de sua inserção histórica, social, pulsional etc. O entre-lugar é um tema caro à sua escritura, pois, para ele, tal é o lugar do sujeito na linguagem; esse sujeito que não se separa de seu objeto (a língua), e está sempre em posição de produtor de sentidos (p. 41). Vale dizer que só há leitura, só há legibilidade, quando o leitor se depara com o que resiste, com o que se mostra ilegível a um determinado olhar, em determinado momento. Dessa perspectiva, Ottoni questiona a separação linear e estanque entre compreensão e interpretação.

Para ele, “compreender é interpretar”, já que não há compreensão de um texto sem interpretação, sem a intervenção de um sujeito, do humano; é preciso, por isso mesmo, considerar, no processo

de leitura, uma dessimetria que se instala entre leitor e texto, revelando que a significação não é pura nem estável (p. 43) e que a separação entre compreensão e interpretação também não o é.

Do mesmo modo, essa dessimetria se instala na relação do tradutor com a língua e com o texto a traduzir. É essa temática de dessimetria que vai orientar a reflexão de Ottoni no sentido de explicitar qual é o papel do tradutor ao operar com as línguas em tradução. Por isso mesmo é que, na sua reflexão, debruça-se sobre textos traduzidos para investigar isso que muito apropriadamente chamava, a partir das desconstruções, de paradoxos da tradução e ainda um certo movimento que chamava de transbordamento (p. 52).

De uma perspectiva teórico-prática, Ottoni, recorrendo a traduções de autores como Joyce, Guimarães Rosa e Derrida, traz para a discussão o que chama de tradução recíproca, a qual evidencia o transbordamento de uma língua na outra, quando o sujeito intervém na língua, no texto do outro para traduzir (p. 47-70). Uma vez que a tradução, paradoxalmente, é mesmo aquilo que resiste à traduzibilidade plena, resiste à transparência portanto, que faz com que o tradutor, ao apropriar-se da língua do outro, imprima ali a sua própria marca, vestígios de seu idioma e contra-assine o “outro” texto em sua própria língua.

Ottoni evidencia por isso mesmo que a tradução, como objeto de análise e de estudo, resiste ao enquadramento em termos de uma explicação definitiva de seu funcionamento. Ele nos fala mesmo, a partir de De Man e de Derrida, de uma teoria-

resistência da tradução encarada como *double bind* (p. 74). E enfatiza, ao longo de toda a sua reflexão, que não nos apropriamos da tradução, não temos dela domínio completo. Essa é a razão para pensar em uma teoria de tradução necessária e impossível, evidenciando que o *double bind* com o qual o teórico da tradução tem de lidar é da mesma ordem daquele que o tradutor tem de suportar no processo de apropriação, qual seja: o conflito inexorável entre o intraduzível e a tradução (p. 81), ou seja, a sua tarefa de lidar com o que resiste à tradução, traduzindo.

Mais uma vez questiona o modelo, ainda hoje dominante na Universidade de neutralidade científica, pondo em questão a possibilidade de uma verdade universal dada em uma língua igualmente universal.

Essa temática da intervenção do tradutor – que traz consigo os temas do próprio e do idiomático – é decisiva para, no ensino de tradução, conceber-se a formação do tradutor de uma perspectiva outra, muito mais sensível à diferença da linguagem e na linguagem. Além de permitir um trabalho com o corpo da língua, com sua materialidade, que evidencia o conflito da apropriação, rompendo com o modelo dominante de linearidade da relação sujeito–objeto. Ottoni, na sua reflexão, rompe, desse modo, com um conceito de língua, como um código totalmente apropriável, e problematiza a divisão estanque entre língua materna e língua estrangeira, tirando conseqüências dessas descobertas para a teoria e prática da tradução, bem como para a formação do tradutor (p. 116-125).

Articulando tradução e desconstrução, Ottoni abre um campo de pesquisa,² uma vez que põe à prova a teorização de Derrida sobre a linguagem e sobre a tradução, a partir da tarefa de traduzir o próprio texto do filósofo, discutindo aquilo que ele passou a chamar de idioma derridiano. Nesse processo investigatório, estabelece um diálogo com os tradutores de Derrida para o português e para o inglês, analisando posfácios, prefácios e notas de traduções (p. 139-154). Tal diálogo o levou a empreender um levantamento de todas as traduções da obra de Derrida feitas para o português,³ prestando uma inestimável contribuição aos estudos derridianos e à tradução da obra de Derrida para a nossa língua.

Ao encenar, por exemplo, a problemática da tradução por meio das inúmeras tentativas de traduzir a *différance* (p. 126-138), esse indecível derridiano, primeiramente, opera o que poderíamos chamar de dupla tradução e, em segundo lugar, evidencia como o tradutor é afetado pelo neografismo, tendo de conviver com o intraduzível e de suportar o *double bind*. Mais uma vez ressalta a complexidade da tradução, trazendo para a discus-

2 No âmbito de sua atuação, Ottoni orientou, na área de tradução, várias teses e dissertações e coordenou o Projeto de Pesquisa “Traduzir Derrida – Políticas e Desconstruções” (Cf. <www.unicamp.br/~ottonix/>).

3 Ottoni apresenta, ao final da coletânea, um levantamento de artigos e livros de Derrida, publicados em português no período de 1968 a 2004. Esse levantamento encontra-se atualizado na página do grupo de pesquisa “Traduzir Derrida – Políticas e Desconstruções”, sediado na Unicamp (cf. <<http://www.unicamp.br/iel/traduzirderrida/lista.htm>>).

são a intervenção do tradutor no texto traduzido, na língua e no idioma do outro. Além disso, Ottoni mostra que o papel do tradutor é decisivo para a disseminação da desconstrução.

Na desconstrução, ele enfatiza, o dizer sobre a tradução faz parte do traduzido (p. 152). Vale dizer que os tradutores da e na desconstrução, ao mesmo tempo em que encenam o que foi traduzido “fora do texto”, incorporam seus textos aos textos traduzidos. Esse acontecimento faz parte do que Ottoni chama de tradução manifesta, evento que se liga ao *double bind* que o tradutor suporta, ao buscar reconciliar o intraduzível com a tradução. Se, de um lado, o tradutor tem de lidar com a angústia de se apropriar daquilo de que não se apropria, por outro, é ele que faz o outro texto sobreviver, mesmo sabendo que sempre resta algo que não se traduz, que resta por vir, sempre em segredo, em silêncio, e a traduzir.

Tudo isso Ottoni soube, com simplicidade e sem vaidade, cultivar, ensinar, discutir no seu percurso pelas desconstruções; desde a sua pesquisa de tese que já tratava de uma dimensão performativa da linguagem (OTTONI, 1998a) em que discute Austin e Derrida, passando pela sua reflexão sobre a tradução (OTTONI, 1998b) até a sua investigação mais recente do texto derridiano, abordando a relação entre tradução e desconstrução (OTTONI, 2005 e 2006), mais diretamente ligada à questão do idioma e da identidade. Na sua reserva habitual, e nunca sem paciência, soube como poucos suportar o intraduzível, as resistências institucionais e fazer os textos da desconstrução sobreviverem em português na tradução.

A esse amigo e pensador da linguagem, dedico esta tradução que traduz e não traduz um nome próprio inesquecível: Paulo Ottoni.

REFERÊNCIAS

- OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998a. (Coleção Viagens da Voz).
- _____. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, Faep, 1998b. (Coleção Viagens da Voz).
- _____. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento*. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- _____. *Traduzir Derrida: políticas e desconstruções*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.